

Belle Époque no Rio Grande-RS: memória e cotidiano urbano

Belle Époque en Rio Grande-RS: memoria y cotidiano urbano

Belle Époque in Rio Grande-RS: memory and everyday life

Andrea Maio Ortigara¹

Resumo

O presente artigo apresenta um panorama histórico sobre como a sociedade riograndina se inseriu na dinâmica do mercado mundial entre os anos 1900 e 1920 – período que se convencionou chamar de *Belle Époque*. Objetivamos refletir sobre o modo como a elite riograndina vivenciou o referido período apontando características culturais e urbanas da época.

Palavras-chave: Rio Grande, *Belle Époque*, urbanização, cultura.

Resumen

El presente artículo presenta un panorama histórico sobre cómo la sociedad riograndina se insertó en la dinámica del mercado mundial entre los años 1900 y 1920 - período que se convenció llamar de Belle Époque. Objetivamos reflexionar sobre el modo como la elite riograndina vivenció el referido período apuntando características culturales y urbanas de la época.

Palabras claves: Rio Grande, *Belle Époque*, urbanización, cultura.

Abstract

This article presents a historical overview of how the Rio Grande society was inserted in the world market dynamics between the years 1900 and 1920 - a period that was called the Belle Époque. We aim to reflect on the way in which the riograndina elite experienced the mentioned period pointing to cultural and urban characteristics of the time

Keywords: Rio Grande, *Belle Époque*, urbanization, culture.

1. Belle Époque no Rio Grande

O presente artigo apresenta um panorama histórico sobre como a sociedade riograndina se inseriu na dinâmica do mercado mundial entre os anos 1900 e 1920 – período que se convencionou chamar de *Belle Époque*. Objetivamos refletir sobre o modo como a elite riograndina vivenciou o referido período apontando características culturais e urbanas da época.

¹ Doutoranda em Geografia; Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; andreartigara@gmail.com

A convicção na prosperidade, no progresso material e na possibilidade dos problemas sociais serem solucionados tecnicamente consagrou as idéias liberais que caracterizaram o século XIX e início do século XX. O término do segundo reinado e as décadas iniciais do regime republicano no Brasil constituíram este cenário. Assim, esses anos proporcionaram os alicerces da sociedade identificada como a *Belle Époque* riograndina.

Ao contrário do que ocorreu na França, a *Belle Époque* no Brasil ocorreu durante o período da Primeira Guerra Mundial. No entanto, não há consenso entre os pesquisadores a respeito do tempo de duração deste período no país. Para Sevckenko, a *Belle Époque* brasileira iniciou-se em 1900 e estendeu-se por duas décadas, ou seja até a década de 1920, entrando em decadência ao mesmo tempo em que o regime republicano declinava. Já para Bittencourt, o referido período ocorreu entre os decênios de 1890 e 1920.

Conforme Ana Maria Daou, a *Belle Époque* no Brasil expressou a euforia e o triunfo da sociedade burguesa, “no momento em que se notabilizavam as conquistas materiais e tecnológicas, se ampliaram as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia vastas áreas do globo antes isoladas” (2004, p.7).

Assim, pode-se dizer que a *Belle Époque* foi um produto do progresso ao qual o Rio Grande vinha se submetendo. Portanto, podemos afirmar que a cidade conquistou lugar nas transformações que ampliavam, de modo significativo, as áreas do planeta sob a influência e o domínio das economias industriais, e das crenças e valores a estas correspondentes.

A presença de bens de consumo industriais europeus e americanos no cotidiano de sociedades geograficamente distanciadas dos centros de produção foi privilegiada pelos valores tributários do credo liberal que encontravam adeptos

e vieram a formar as bases da aceitação para que as expansões européias e americana encontrassem ambiente particularmente favorável. Essa entrada triunfal teve expressão particular no Brasil, num momento em que se atrelavam às transformações advindas da dinâmica da sociedade liberal em expansão o projeto republicano – que no Brasil, expressará a redenção da situação colonial e a consoante implantação de um nova ordem de progresso” (DAOU, 2004, p.17).

O momento inicial do Período Republicano foi uma fase eufórica para os beneficiados pelo novo regime. Durante estes anos aumentaram as exportações para as nações combatentes na Primeira Guerra Mundial e desenvolveram-se novas indústrias para substituir parte do que até então se importava, situação esta fortemente observada no Rio Grande.

Neste mesmo período, as relações do Brasil com a Inglaterra e a França – nações burguesas e industrializadas – se intensificaram. Esta aproximação foi fundamental para a adoção do modelo de civilização metropolitana no Brasil. Por conseguinte, o padrão lusitano

vigorado durante o colonialismo, perdia sua soberania. As elites brasileiras, e particularmente a riograndina, acolhiam a cultura burguesa europeia para legitimar a sua superioridade social.

De acordo com o sociólogo Gilberto Freyre, “tudo que era português foi ficando “mau gosto”; tudo que era francês ou inglês ou italiano ou alemão foi ficando “bom gosto”. Grandes cargas de panos, móveis, louças, artigos de luxo franceses, inundaram os portos do Brasil, logo que a França pôde competir com a Grã-Bretanha na conquista do mercado brasileiro. O brasileiro, mal saído das sombras do sistema patriarcal e da indústria caseira, deixou-se estontear da maneira mais completa pelos brilhos, às vezes falsos, de tudo que era artigo de fábrica vindo da Europa” (1977, p.336).

Em lugar das velhas necessidades, supridas por produtos nacionais, surgem novas demandas, à serem atendidas por produtos de países longínquos e de climas diversos. A antiga auto-suficiência e isolamento local e nacional, cede espaço a um intercâmbio e dependência entre nações de modo generalizados.

O efeito globalizante desta Revolução Científico-Tecnológica tornou-se real, e assim as novas condições da economia globalizada e seus princípios de racionalidade técnica permitiram que, no início de 1900 o Rio Grande vivenciasse um momento de modernização e criação de uma elite com pensamentos cosmopolitas. Tal fato, expressa uma transformação social que implicou na passagem de uma sociedade ruralizada para uma sociedade mais cidadina.

O crescente desenvolvimento das cidades consolidou a hierarquia das relações sociais através da oposição entre o arcaísmo brasileiro e os valores europeus burgueses, e as realidades associadas às transformações do estilo de vida na sociedade, constituindo espaço para novas sociabilidades. O propósito da “europeização” era instruir ao modo e aos comportamentos burgueses, adotando os valores individualistas oriundos do capitalismo numa sociedade ainda dependente e pouco burguesa em relação às europeias.

Freyre observou que nesse período de extrema cosmopolitização, houve uma incorporação de palavras de origem estrangeira, tanto pelo efeito cultural, como pela necessidade da adoção e criação de termos e expressões para nomear os novos recursos, artigos, situações e equipamentos oriundos das mudanças do modo de vida. Podemos citar alguns exemplos, tais como: madame, clichê, bombom, marrom, crayon, detalhe, pastel, bebê, puré, festival, envelope, mignon, marquise, omelete, suíte, crèche, entre outras. (FREYRE, 1974, p. 215-216. In: SEVCENKO, 1998, p. 651). No entanto, não eram apenas os objetos que preocupavam as novas burguesias, mas antes, o uso que estes poderiam ter dentro do cenário barroco burguês vivido.

Esses hábitos e virtudes tornavam-se a essência da chegada da modernidade ao Brasil, e de modo semelhante no Rio Grande, acarretada pela troca de mercadorias que, por sua vez, repercutia sobre as modificações das estruturas de sociabilidade vivenciadas cotidianamente. O processo de importação de estilo de vida européia trouxe uma modernidade de característica tradicionalista, metamorfoseando esta em algo distinto das idéias originais.

Este processo motivou Freyre a uma investigação do cotidiano social do século XIX, e o fez afirmar que a modernidade brasileira conservava a essência da nossa tradição. Para o sociólogo, a europeização e o aburguesamento da sociedade, impulsionados por idéias originadas em uma realidade social distinta, chegavam distorcidas, tornando-se por isso singulares, uma vez que, ainda não havia aqui nem uma urbanização clássica, nem um grupo social efetivamente burguês. Posto que, a sociedade brasileira se iniciava em seu processo de urbanização e, ainda possuía resquícios do escravismo.

Mediante o exposto, perguntamo-nos: O que estava acontecendo no município do Rio Grande anteriormente e durante este período? E, o que levou os riograndinos a usufruírem, como consumidores, do conforto material e do aspecto cultural que caracterizou a *Belle Époque* brasileira? Quais eram os anseios da elite em Rio Grande, e quem era essa elite? Como o Rio Grande se inseriu na dinâmica do mercado mundial e como vivenciou o período Belle Époque no extremo sul do país?

Para tanto, se faz necessário nos reportarmos à história do município do Rio Grande e do Porto desta cidade. No ano de 1804, marco da instalação da alfândega no Rio Grande passou a ser o principal lugar de escoamento dos produtos da região para outras localidades do país e exterior. Sendo que, dos derivados do gado produzidos na campanha, o charque representava um produto importante. Desta forma, o município, no início dos anos 1800, passou a destacar-se como o maior mercado do sul do Brasil. Com as melhorias do Porto de Rio Grande, multiplicaram-se os números de navios que aqui atracavam e, portanto, aumentaram as arrecadações da sua alfândega.

O comércio via Rio Grande era uma conseqüência do crescimento econômico, e respondia a demanda dos novos núcleos urbanos na região sul do Estado do Rio Grande do Sul. Por efeito, o porto tornou-se a essência do dinamismo, empreendedorismo e crescimento do município do Rio Grande.

Sendo assim, Rio Grande incorporou características cosmopolitas de centros urbanos portuários, “mas improvável, tratando-se de uma cidade no extremo sul do Brasil e dos interesses mercantilistas que moviam a colonização portuguesa no país. Essa abertura da economia regional com acréscimos nas importações e exportações será dada pelo

enriquecimento propiciado pela produção do charque nas terras riograndenses” (MARTINS, 2006, p.73).

Cumpramos ressaltar, que neste mesmo período, o Brasil havia se tornado um grande comprador de produtos industrializados europeus, podemos destacar artigos como louças, porcelanas, cristais, vidros, móveis, artefatos de luxo, entre outros. Por conseguinte, no Rio Grande encontravam-se estabelecidos os grandes negociantes e seus agentes comerciais.

Em 1809, Rio Grande possuía uma população fixa de aproximadamente dois mil indivíduos, cujo aumento estava relacionado com o progresso do comércio. No ano de 1823, foram concluídas as obras de dragagem do cais e de construção do Porto Velho (**fig. 2**), permitindo com que navios com mais de duzentas toneladas atracassem no Rio Grande, desta forma, o comércio local se tornou mais dinâmico.

Figura 1 – Obras do cais do Porto Velho



Fonte: em pesquisa, sem data.

A localização do Porto Velho favorecia as atividades comerciais, pois este encontrava-se junto ao aterro da Rua Nova das Flores (atual Rua Riachuelo), paralela à Rua da Praia, aonde estava localizada parte significativa dos estabelecimentos comerciais da Província de São Pedro (**fig. 3**),

Figura 2 – Rua Riachuelo, município do Rio Grande



Fonte: Acervo Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 1915.

O espírito de associação dos comerciantes riograndinos era notado através dos financiamentos das obras de modernização do Porto do Rio Grande. A esse respeito Queiroz afirma que “todo o progresso e desenvolvimento da Vila do Rio Grande advenho da sua função comercial e da ação interessada e direta de seus comerciantes, diante de seus problemas mais graves, substituindo a inércia a que a Câmara local se via obrigada em razão de contar com rendimentos que não garantiam, se quer, a sua própria manutenção” (1987, 156).

Cabe reiterar que, no ano de 1844, foi fundada a Praça de Comércio da Cidade do Rio Grande, pioneira no Rio Grande do Sul. Esta participou ativamente para o melhoramento da barra do Rio Grande, e a partir de 1850, através do Código Comercial, ficou responsável por determinar além do câmbio, o preço corrente de mercadorias e, de transportes marítimos e terrestres. Afora esta função, a Associação Comercial do Rio Grande era encarregada de atuar sobre os setores públicos, favorecendo as benfeitorias na navegabilidade do canal da barra do Rio Grande. Fato que, resultou em coação constante desta associação, até serem realizadas as obras de melhoria efetiva no início do século XX.

Em 1834, o viajante francês Louis-Frédéric Arsène Isabelle constatou o dinamismo da iniciativa privada ao observar que os comerciantes riograndinos empregavam “grande parte de suas fortunas em empresas de utilidade pública, tentando atrair o comércio estrangeiro” (ISABELLE, 1983, 77-78). Rio Grande, no ano de 1835, conquistou o título de cidade, fato que não pode estar dissociado dos investimentos financeiros bem sucedidos da iniciativa privada.

No contexto em que viviam e com a intenção de substituir o antigo patriciado, a classe burguesa organizou-se para viver as novas circunstâncias. Portanto, as demandas do mercado internacional aumentaram fazendo com que os negócios multiplicassem, e aqueles que controlavam este mercado criaram novas exigências, tornando fundamental satisfazê-las. Para tanto, os sistemas de produção foram adequados a nova demanda e houve a necessidade de criação e melhoria de infra-estrutura.

Podemos acrescentar a esta reflexão, a afirmação de Freyre quando diz que, “depois de 1808 e, principalmente, de 1835 a 1850, melhoramentos ou inovações notáveis de técnica sanitária e de transporte, de iluminação e de arborização de ruas foram aparecendo na cidade do Rio de Janeiro, na do Recife, na de São Paulo e até em Rio Grande², em Pelotas, em Porto Alegre, em Belém. Salvador e Ouro Preto é que se retardaram em várias desses melhoramentos” (1977, p.546).

A elite riograndina, a partir de 1850, foi beneficiada pelo comércio atacadista marítimo de importação e exportação, que ao se tornar significativo, trouxe magnitude ao município. Parte das expectativas desta elite foram consagradas quanto à implantação de sinais e instrumentos de civilização e progresso para o engrandecimento do município. O comércio marítimo de importação e exportação é anterior ao período *Belle Époque*, porém é relevante para entender os aspectos fundamentalmente identitários das sociedades que se consolidaram no município.

A influência da cultura européia ocidental não-ibérica no Brasil, pode ser identificada em diferentes níveis desde 1500, portanto, o que se observa em meados do século XIX não é uma introdução destes hábitos e costumes nas sociedades brasileiras, mas antes, é o triunfo deste modo de viver. Conforme Bittencourt,

se na intimidade das casas havia uma acentuada continuidade da cultura tradicional luso-brasileira, fora dela, impunha-se uma fantasia europeizante deslocada, alienadora, grandemente alicerça em modelos culturais franco-ingleses. As populações urbanas das cidades brasileiras da segunda metade do Novecentos procurava parecer o mais européias possível. E aqui se faz importante a noção de que a cidade é, justamente, o local onde melhor se realiza a padronização dos comportamentos (2007, p.40).

² Em 1832, as ruas do centro histórico do Rio Grande eram iluminadas por grandes candeeiros a óleo de peixe posteriormente a querosene. No ano de 1874, a Companhia Riograndense de Iluminação passou a oferecer para a cidade iluminação a gás, sendo entregue para o Gasômetro Municipal, em 1908 a responsabilidade por este serviço. Em 1915, as ruas centrais passaram a desfrutar de energia elétrica. Conforme Bittencourt, “os benefícios da iluminação pública repercutiam em todos os setores da sociedade, tornando-se um dos agentes de dinamização do setor dos divertimentos coletivos e da vida noturna” (2007, p.59).

O modo como a elite riograndina viveu o período *Belle Époque* aponta para características culturais semelhantes a um contexto mais amplo. Nesse caso, nos permite aproximar Rio Grande dos acontecimentos de algumas cidades da América Latina. Tal fato, pode ser analisado na reflexão de Romero quando diz que:

a rigor, a vida do lar não foi a que mais mudou. Foi a vida dos homens fora de sua casa que revelou transformações mais profundas porque, mais ainda do que nas classes populares, cresceu o esforço de participação nas classes médias. Para satisfazer esse desejo era necessário estar em tudo e a rua se tornou mais importante do que a casa. Todos notavam que a vida se tornava aos poucos mais vertiginosa e desejavam participar desta vertigem porque suspeitavam que, do contrário, retrocederiam em lugar de avançar. A rua eram os cafés e os restaurantes, os teatros e os cinemas, mas também eram os escritórios e as bancas de advogados, os clubes e os centros políticos. Se a família queria progredir era imprescindível que o seu chefe cultivasse relações e procurasse estendê-las. E “progredir” era a lei destas novas classes médias que aumentavam nas cidades que se transformavam (2009, p. 333).

Foi neste período, que as transformações sociais viabilizaram o surgimento de uma classe média composta por profissionais liberais. No Rio Grande, a burguesia cidadina, que estava comprometida com o comércio marítimo – intimamente vinculado às atividades portuárias, a exemplo das principais cidades latino americanas do século XIX –, viveu uma ascensão econômica e social constituindo, assim, um estilo de vida europeizado nas relações sociais e na fisionomia urbana.

No período compreendido entre 1870 e 1880, Rio Grande atraiu a instalação de indústrias não artesanais, sendo relevante destacar a Companhia União Fabril, que foi inaugurada em 1873 de propriedade de Carlos Rheingantz, que exportava tecidos de lã para todo o Brasil e exterior. Cabe, também, mencionarmos a fábrica de charutos Pooch e Cia., aonde trabalhavam técnicos especialistas oriundos da Alemanha e de Cuba. Ao final da século XIX, Rio Grande possuía o maior parque industrial do estado do Rio Grande do Sul.

O dinamismo da economia internacional, característico do final do século XIX, promoveu o contato sistemático dos riograndinos com o fluxo da economia internacional. Sendo assim, estes usufruíram como consumidores do conforto material e dos aspectos culturais que caracterizaram a *Belle Époque*. A esse respeito, Freyre afirma que:

A valorização social começara a fazer-se em volta de outros elementos: em torno da Europa burguesa, donde nos foram chegando novos estilos de vida, contrários aos rurais e mesmo aos patriarcais: o chá, o governo de gabinete, a cerveja inglesa, a botina *Clark*, o biscoito de lata. Também roupa de homem menos colorida e mais cinzenta; o maior gosto pelo teatro, que foi substituindo a igreja; pela carruagem de quatro roda que foi substituindo o cavalo ou o palanquim; pela bengala e pelo chapéu-de-sol que foram substituindo a espada de capitão ou de sargento-mor dos antigos senhores rurais. E todos esses novos valores foram tornando-se as insígnias de mando de uma nova aristocracia: a dos sobrados (1977, p. 574).

Figura 3 – Casa Vermelha, A Botina de Ouro. Destaque para a fachada, na qual está escrito Calçado Cristal, Clark e Condor



Fonte: em pesquisa, sem data.

Em decorrência do contexto econômico mundial, o município do Rio Grande, entre o final do século XIX e início do século XX, foi marcado por um significativo desenvolvimento industrial, quando a capacidade de produção da cidade ultrapassou até mesmo a da capital Porto Alegre. De acordo com Martins, “nesse período seriam realizadas as principais obras de infra-estrutura, como redes de esgoto, melhoria no abastecimento de água, transportes, comunicações e tudo o que havia de melhor disponível à época. A situação de cidade portuária e industrial a beneficiava, numa economia nacional ainda não integrada e que, assim sendo, a favorecia” (2006, p.225).

Os hábitos e modos de vida urbanos passaram por transformações oriundas do processo de industrialização ao qual o Rio Grande se submetia, sendo assim, despontou a necessidade de ajustar o espaço físico da cidade a nova realidade vigente. Nesse caso, a população do município cresceu e diversificou-se, multiplicaram-se as suas atividades em diferentes setores produtivos, modificou-se a sua paisagem urbana e foram alterados os tradicionais costumes e as formas de pensar dos diversos grupos urbanos.

Como repercussão dos processos de urbanização e industrialização, ampliaram-se as possibilidades de lazer e cultura oferecidas as diferentes classes sociais. Neste período, foi significativo o aumento do número de teatros, cafés, bilhares, cabarés, bibliotecas, sociedades musicais e dramáticas, clubes, jornais, dentre outros. As sociedades urbanas tiveram a percepção da grandeza das mudanças vividas, embriagadas pelo que se passou a chamar de progresso.

Rio Grande passou a ter diversas casas de comércio por atacado e para vendas a varejo. As ruas, os cafés e os bairros ficaram lotados de pessoas que prosperavam nas mais diversas atividades, conforme pode ser observado abaixo (**fig. 4.** e **fig. 5.**). Por tudo isso, aos olhos de um viajante, a cidade poderia tornar-se irreconhecível em menos de vinte anos.

Figura 4 – Café América



Fonte: em pesquisa, sem data.

Figura 5 – Casa João Alt



Fonte: em pesquisa, sem data.

Assim como outras cidades brasileiras, a exemplo do Rio de Janeiro –anteriormente mencionado –, Rio Grande, no final do século XIX, manifestava problemas tais como: cortiços e pensões estabelecidos em velhos casarões – estes associados a promiscuidade e doenças epidêmicas – ruas sem iluminação e estreitas; e ainda questões ligadas à infraestrutura e serviços urbanos. De acordo com Bittencourt, “a fim de reverter este quadro, as elites buscavam construir uma nova imagem da cidade, inspirada nas grandes capitais européias e no gosto pelo monumental” (2007, p.46).

Com a implantação da República no Brasil, o raciocínio higienista sujeitou as heranças coloniais, das cidades do início do século XX, à obsolescência e às demolições. Juntamente com o início do Período Republicano, surgiram projetos de melhoramento urbano e de sistematização da economia. A modernização deste período não era entendida como uma prática de descaracterização das cidades, mas sim como algo a ser alcançado. Para exemplificar esta afirmação citamos Martins, quando afirma que, “quanto à Igreja do Carmo, o prédio do século XVIII foi demolido na década de 1930 para dar lugar a uma nova igreja em estilo neogótico” (2006, p. 77).

A cidade do Rio Grande, desse modo, passou a revelar uma tendência à assimilação e, conseqüente, incorporação de hábitos da cultura francesa que podem ser identificados na sua urbanização, a exemplo do estilo arquitetônico do prédio da Companhia União Fabril Rheingantz (**fig. 6**), bem como a tendência à construção de bulevares e a instalação de cafeterias. Acrescente-se a isso, o costume de passeios ao ar livre que repercutiram sobre a criação de novos espaços urbanos, como as avenidas, parques e praças.

Figura 6 – Prédio da Cia. União Fabril



Fonte: Acervo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, sem data.

A ordenação da natureza, no que tange os espaços da modernização do Rio Grande, incluía projetos de embelezamento urbano alicerçados em modelos parisienses. A partir da segunda metade do século XIX, tal tendência era identificada no plano cultural e nos espaços públicos das cidades, onde predominavam além das influências estéticas, árvores e plantas oriundas da Europa.

A esse respeito, Freyre registra o desprezo e a vergonha aos elementos oriundos da flora africana e asiática aqui já aclimatados (1977, p.456-457). Os ícones desta tendência podem ser identificados em praças, largos e jardins que se tornaram os lugares de lazer preferidos pela elite riograndina, os quais potencializavam as novas relações de uma vida pública. Um exemplo disso, para Bittencourt, foi a construção da Praça Xavier Ferreira, localizada em zona mista – comercial e residencial nobre,

circundada por um gradil, iluminada, arborizada, com belos jardins em estilo francês, lago em espelho, monumentos e chafariz metálico importado da Inglaterra, este tradicional espaço público de sociabilidade foi modernizado (isto é, retificado e limpo da presença popular), adquirindo um “tom aristocrático” e constituindo-se no ponto de encontro das famílias elegantes aos domingos, no passeio matinal das crianças e dos bebês, e no local predileto dos namorados que se embalavam com o som das retetas ao entardecer. Passeio Público, onde os riograndinos viam e eram vistos (2007, p. 80).

Outra praça que podemos citar é a Tamandaré, situada próximo ao centro, era um grande parque que possuía iluminação e grades, excelente projeto de arborização e jardins, além de passeios, monumentos, chafariz metálico, quiosques e um coreto. Havia, ainda, um catavento que impulsionava a água para dentro dos lagos, que possuíam pequenas ilhas e canais artificiais, atravessados por pontes por onde circulavam pequenos barcos.

A construção da Praça Tamandaré seguiu o modelo da Europa burguesa, que expressava o resultado de uma busca pelo progresso, ao mesmo tempo em que e se inseria no contexto de modernização e higienização da cidade. Por tudo isso, a sociedade riograndina foi impulsionada a desfrutar do espaço público, “circulando em uma atmosfera saudável e forjando, assim, novas práticas urbanas adequadas aos novos tempos” (BITTENCOURT, 2007, p. 81).

A integração da sociedade com a urbe foi beneficiada pelos processos de embelezamento e higienização da cidade, reforçando as experiências sociais na rua. Cumpre destacar que no final do século XIX, foram importados da França quatro chafarizes, estes foram instalados nas quatro praças centrais do município – Praça Xavier Ferreira (**fig. 7**), Praça Tamandaré, Praça Barão de São José do Norte e Praça Sete de Setembro.

Figura 7 – Chafariz da Praça Xavier Ferreira



Fonte: em pesquisa, década de 1920.

Outra tendência do final do século XIX foi a valorização das atividades físicas, a expressão *mens sana in corpore sano* foi posta em prática, e a cidade era um local agradável para exercer o *footing* ou *flânerie* em francês. No Rio Grande ao entardecer a Rua Marechal Floriano Peixoto servia de palco para o convívio social das pessoas que ali viam as novidades do comércio, encontravam amigos ou simplesmente perambulavam de um lado para o outro exibindo boas maneiras e vestimentas baseadas em moldes franceses, como pode ser observado na figura abaixo (**fig. 8**).

Figura 8 – Praça Tamandaré



Fonte: Acervo Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 1926. Fotógrafo F. Giacobbo.

Assim, as ruas centrais do município, que antes recebiam as manifestações populares, tiveram suas funções redimensionadas, pois passaram a caracterizar-se como um espaço de consumo e trabalho. Desse modo, os excluídos socialmente, a exemplo de pobres, bêbados e prostitutas, eram mal vistos nestes locais, portanto não faziam parte deste contexto.

Outra característica sócio-cultural do município era o uso dos espaços públicos para abrigar festas referentes à acontecimentos nacionais, como por exemplo a Proclamação da República; comemorações regionais, como a Semana Farroupilha; e locais como a data da fundação da cidade no dia 19 de Fevereiro. Diversas destas festas tinham início no Cais do Porto Velho ou na Estação Ferroviária Central, recepcionando os homenageados, e muitas vezes finalizavam-se na Intendência Municipal ou dentro dos teatros.

Cumprе ressaltar a importância da instalação de iluminação nas ruas no ano de 1848, bem como a melhoria do serviço ao longo dos anos seguintes. A esse respeito, conforme Bittencourt, “a rua tornou-se mais segura, intensificando a vida social noturna em clubes, cinemas, cafés, teatros, etc” (2007, p.83). Acrescente-se a isso, outros modos de socialização, como o lazer ao ar livre, este realizado em piqueniques familiares ocorridos nas proximidades da cidade aos finais de semana em locais como o Parque Rio Grandense e o Bosque, áreas que possuíam matas de eucaliptos e dunas de areia.

A sociedade riogradina usufruía dos bondes para chegar a estes locais, sendo que os economicamente privilegiados utilizavam *Cabriolets*, *Tilburys*, *Sièges* – que eram importados, ou fabricados em Rio Grande ou Pelotas, e anos mais tarde passaram a fazer uso de automóveis. Dentro deste contexto, podemos citar a inauguração, em 1922, do Hipódromo Independência do Jockey Club de Rio Grande – falaremos da sua importância na urbanização do município em outro capítulo.

Ficou relegado à vida provinciana o passado colonial e patricio, do qual eventualmente voltava a nostalgia da paz perdida. No entanto, as cidades que enriqueciam não queriam tranquilidade, mas antes o burburinho do que gerava a riqueza, e que poderia vir a ostensivo luxo.

O modelo de Haussmann – constituído de ações demolidoras – nutriu as decisões das novas burguesias cidadinas em apagar o passado e, assim, modificar a fisionomia urbana. Por consequência, a arquitetura moderna, alimento das ilusões burguesas, pode ser identificada na construção de avenidas, praças, bulevares, teatros; no entanto, toda este impulso em direção ao novo não foi capaz de extinguir a velha cidade.

Para corroborar esta afirmação, podemos citar Pimenta, quando esta afirma que “pode-se dizer que, na cidade do Rio Grande, os diferentes ciclos produtivos constituem-se por

justaposições urbanas, ou seja, vão sendo realizados a partir de acréscimos e incorporações de áreas com novas funções, o que permite, ainda hoje, uma leitura dos tempos históricos em seu espaço atual” (In: MARTINS, 2006, p.11).

Nesse sentido, Rio Grande como cidade portuária, esteve permanentemente aberta a intercâmbios nacionais e internacionais, portanto, sob a influência de uma diversidade de gostos e de costumes, em consequência da troca de experiências com outros centros urbanos. Tal fato pode ser constatado, no decorrer dos anos 1800, quando disseminou-se o gosto por saraus literários e musicais, ocorridos nos salões residenciais de famílias abastadas.

Nessas ocasiões, encenavam-se quadros dramáticos de curta duração, recitavam-se poesias, os estudantes de música exibiam suas habilidades no canto e nos instrumentos. Esses ambientes abrigavam discussões sobre política, teatro, literatura ou, apenas, as pessoas divertiam-se jogando cartas. Diante deste contexto, reconhecemos uma espécie de persistências de valores aristocráticos na sociedade burguesa, além de uma consolidação dos hábitos da sociedade francesa de salão, famosa pelo refinamento e conversação, como inspiração dos frequentadores desses ambientes.

Não obstante, os salões sejam percebidos em diferentes países e com certas variantes, os salões literários são típicos da vida cultural francesa dos séculos XVII, XVIII e XIX, constituindo-se como centros de intercâmbio de idéias onde a política, o amor e as artes forneciam os temas da conversação. Promovidos por damas da sociedade, dominavam estes ambientes o linguajar amaneirado, a finura dos gestos, o culto de todas as etiquetas, os rasgos competitivos de inteligência. Talento, cultura enciclopédica e paixão pelas letras e artes triunfavam e caracterizavam a vida gerida pelos salões da França. (DUBY, Georges, 1983. In: BITTENCOURT, 2007, p. 88).

Por efeito, o salão de festas adquiriu uma imponente importância simbólica, um indicativo de classe, pois possuir um salão representava mundanidade e sociabilidade, duas características burguesas. Através desta peça da casa dava-se o alargamento do universo social da família. Nas palavras de Jurgen Habermas “a sala de visitas não serve para a casa, mas sim à ‘sociedade’; e essa sociedade da sala de visitas está bem longe de coincidir, em seu significado, com o círculo restrito e rigorosamente fechado dos amigos da casa” (apud BITTENCOURT, 2007, p. 88).

Cumprido destacar que as relações em sociedade potencializaram-se com a urbanização, favorecendo o surgimento de um espírito de associação que é a base do surgimento dos clubes e das sociedades bailantes. Nesse caso, tanto o encontro como a diversão públicos podem ser entendidos como um prolongamento da vida e do lazer domésticos. Podemos afirmar que os

processos de industrialização e modernização do Rio Grande intensificaram esse fenômeno, fazendo da convivência social fora de casa se transformasse em um hábito urbano comum às famílias.

Por conseguinte, a sociedade riograndina, no século XIX, passou a se organizar em associações recreativas, artísticas, culturais, esportivas, carnavalescas, classistas, políticas, filosóficas, filantrópicas, entre outras. Haja visto que, no século XVIII, período anterior ao surgimento dos clubes e das sociedades de baile, eram os saraus residenciais e os teatros de pequeno porte que ofereciam espaço as reuniões sociais.

Os clubes representavam espaços de recreação e respondiam às demandas de lazer, diversão e sociabilidade dos associados e dependentes, principalmente dos trabalhadores de baixa renda, que tinham dificuldades com acesso aos locais de diversão frequentados pelas camadas superiores. Desse modo, os clubes eram promotores de diversas atividades, variando de acordo com as características da instituição e do público freqüentador, e podem ser sintetizados em: festas, bailes, saraus musicais e literários, jantares, almoços, chás, representações dramáticas, *matinéés* infantis, aulas de dança e música, eventos esportivos.

Eram igualmente comuns os eventos sociais de caráter filantrópico, bem como as reuniões políticas, pois muitas destas sociedades eram de caráter instrucionista, ou melhor, promoviam aulas de desenho, pintura, dança, idiomas estrangeiros, alfabetização de adultos e palestras de temas variados. Tal fato, pode ser estendido as sociedades dramáticas e musicais, que foram fundamentalmente importantes à vida cultural da cidade do Rio Grande.

Cabe salientar que os bailes, entendidos como divertimento coletivo, também, desfrutavam de intenso prestígio na sociedade riograndina, sendo que, durante o século XIX, conforme Bittencourt, as quadrilhas francesas estavam muito em voga (2007, p. 93). De semelhante atração popular eram os botequins e cafés, pois desempenhavam importante papel na sociabilidade do Rio Grande, revelando-se como espaços recorrentes de reuniões para conversas descontraídas, discussões políticas, profissionais, culturais, entre outras. Sintonizando com a expansão das cidades, e com a emergência de novos modos de viver, os cafés se disseminaram na Europa, a partir do século XVIII.

Aqui podemos fazer uma aproximação entre cultura e urbanização a partir de Sennett, quando o autor menciona que

as grandes avenidas de Paris abertas pelo barão Haussmann, sobretudo as que faziam parte da segunda rede, encorajaram o uso das calçadas. (...) A cadeira e o café forneciam uma acomodação que unia o passivo e o individual. Quando a arquitetura urbana incorporou meios mecânicos de isolamento, o café permaneceu intensamente urbano e polido, um lugar conveniente à interioridade (2007, p.344-345).

No Brasil, o desenvolvimento dos cafezais, localizados na região Sudeste, impulsionou mudanças nos hábitos nacionais e sua incorporação à vida cotidiana dos centros urbanos. Conforme Bittencourt, no final do século XVIII, “esses espaços fechados de sociabilidade já haviam suplantado os botequins da época imperial, onde bebia-se o vinho à portuguesa” (2007, p. 99).

Dentro deste contexto, podemos mencionar o Café Moka, instalado em frente ao Politeama Rio-Grandense, bem como o Café Polaco, um outro espaço de diversão diurna e noturna, que foi reaberto em 1897 com o nome de Gruta Recreativa. No ano de 1920, o Bar e Café Central, sito a Rua Marechal Floriano Peixoto esquina com a Rua Andradas, constituiu-se um ponto de reunião da elite, com sua orquestra e concertos todas as noites. Já na década seguinte, o Café Dalila, localizado ao lado do Cine Teatro Carlos Gomes, era considerado um ponto de encontro da sociedade riograndina de hábitos chiques.

Nesta concorrência, cumpre citar o Café Nacional, instalado no sobrado que outrora havia abrigado o Cinema Ideal Concerto, na Rua Marechal Floriano Peixoto esquina com a Rua Duque de Caxias, do mesmo modo que as elegantes confeitaria, que se apresentavam como ambientes requintados e elegantes, que desfrutavam de um considerável número de freqüentadores da elite riograndina.

Os espaços teatrais do Rio Grande podem ser aproximados desta reflexão, a partir do entendimento destes como espaços constitutivos de sociabilidades, representativos de uma cidade que abrigou lugares de manifestações coletivas. No decorrer do ano de 1780 no Rio Grande, a elite vinculada ao comércio, pode ser associada a criação das primeiras casas de espetáculos. Foi esta elite que se mobilizou para a construção do Teatro Sete de Setembro, com vistas a atender as exigências de uma parte da população enriquecida e sedenta por cultura e diversão.

Sendo assim, conforme Bittencourt, o impulso as atividades teatrais no município do Rio Grande culminaram no ano de 1832, com a inauguração do Teatro Sete de Setembro (2007, p. 152). Cumpre destacar que a iluminação a gás do Teatro Sete de Setembro foi inaugurada em 14 de dezembro de 1862. No entanto, o município somente passou a usufruir de iluminação a gás em 1864. Posteriormente, em 1876, foi erguido o Anfiteatro Albano Pereira e o Politeama Rio-Grandense em 1885. Além de inúmeros teatros pequenos que pertenciam a sociedades dramáticas particulares. Tais fatos nos permitem observar o modo como as classes dominantes atuavam sobre a cidade determinando os hábitos burgueses para o lazer, expressos na intensa vida social da época, através de saraus literários e musicais, clubes, associações e espetáculos itinerantes.

No que se refere aos clubes, estes cumpriam inúmeras funções. Os freqüentadores que ali se encontravam comentavam as novidades econômicas e políticas do dia, estabeleciam contatos, conversavam informalmente, comiam e bebiam entre amigos confiáveis e celebravam festas de alto nível, nas quais se reuniam a sociedade burguesa da cidade. Era,

também, neste clubes que se imitavam os modelos culturais parisienses, na decoração, gastronomia e etiqueta. Estavam ali para poderem ver e serem vistos. Destaca-se que, de modo semelhante, o teatro também era um lugar de exibição deste outro modo de viver em sociedade, ou seja, era o local de mostrar uma peça de roupa vinda da Europa, ou uma jóia fina.

Exibir era palavra de ordem, *locus* para isso não faltava, poderia ser no passeio de coche, em casamentos e batizados, nas saídas das missas, no jôquei club, e no balneário – que passava a compor a lista de modismo da época. Predominava o espírito da burguesia emergente, que estava alucinada com a aristocracia europeia da *Belle Époque*.

Desse modo, pode-se afirmar que a sociedade riograndina da segunda metade do século XIX expõe inerentes relações entre a coletividade e o meio urbano, ao mesmo tempo que exigiu uma reconfiguração espacial do município do Rio Grande. Por efeito, o panorama cultural, acima descrito, apresenta a cidade como um lugar privilegiado para o fenômeno das formas comportamentais à coletividade, ou seja, a cidade é fruto de uma construção cultural e deve ser apreendida como um estado de espírito.

Cabe ressaltar que estas características culturais não se restringiam à elite riograndina. Além deste panorama ser revelador do modelo cultural das principais cidades do Rio Grande do Sul, era principalmente uma tendência de europeização da sociedade brasileira, conforme mencionamos anteriormente. Na perspectiva de Bittencourt, a “*Belle Époque* impôs um novo modo de viver urbano fortemente enraizado na Europa burguesa e, mais precisamente, na capital francesa” (2007, p. 50).

Cumprir reiterar que a *Belle Époque* representou uma época assinalada por transformações do pensamento e da vida cotidiana, motivadas pelo progresso tecnológico ao qual o país estava submetido. Fato que implicou no crescimento das redes comerciais, que foram assimiladas pela economia global. Por consequência, o comércio que passava por Rio Grande fez aumentar a dinâmica industrial e marítima locais, acompanhando, assim, o crescimento nacional, extensivo às novas necessidades de melhorias do contexto urbano e, particularmente, ao Porto do Rio Grande – reconhecido pelas contribuições dadas ao empreendedorismo e dinâmica do município.

Ressalta-se que, Rio Grande no final do século XIX possuía uma sociedade aventureira e cosmopolita, onde as fortunas podiam aumentar e diminuir rapidamente e cujos vínculos possuíam a força que os interesses comuns criavam. Para Romero, “as novas burguesias constituíram-se daqueles que se mostraram possuidores de aptidões requeridas para enfrentar as novas circunstâncias, deixando

decididamente de lado as limitações impostas pelos novos hábitos tradicionais e optando por outras formas de comportamento” (ROMERO, 2009, p.299).

Os cidadãos menos comprometidos com o passado patricio formavam a nova burguesia, legitimamente, ativa. Eram, também, os que buscavam apressadamente o crescimento social e econômico, e possuíam a capacidade de encontrar as grandes oportunidades. Por efeito, os reconhecidos como os mais aptos encontravam além dos negócios básicos, como a produção e a comercialização, os negócios derivados que surgiam na conjuntura do devir de transformações.

O município do Rio Grande recebeu inúmeros estrangeiros, que direcionaram a sua capacidade empresarial para dentro do processo geral da economia do município, alguns deles possuíam vínculos com grupos capitalistas de seu país de origem. Pode-se afirmar que, foi destes grupos que se originou a motivação e o impulso para a fundação de companhias e reunir capitais e pessoas, legando a cidade um ritmo dinâmico.

Estes cidadãos experientes ofertavam ao município uma atmosfera de conhecimento internacional e embasamento na gerencia dos negócios. Assim, estreitou-se, ainda mais, a dependência entre a economia municipal e a mundial. Podemos postular que esta relação, também, dava ao contexto das burguesias urbanas uma atmosfera cosmopolita, reforçando o afastamento do sentimento provinciano, que assolava os ricos que haviam viajado a Paris ou Londres, e haviam retornado para a cidade imbuídos do espírito de deslumbramento. Pelo exposto, podemos concluir que dentro da classe burguesa havia um grupo moderno vivendo ao compasso dos tempos.

A nova burguesia, muito embora, apresentasse uma tendência à aventura, não podemos deixar de reconhecer possuía outros perfis de indivíduos, tais como trabalhadores e empresários que executavam suas funções de modo eficaz. Neste sentido, a combinação da aventura com a eficiência empresarial na realização de trabalhos, também colaborou para modificar o aspecto cultural e urbano da cidade. Conforme Romero,

foi nas capitais e nos portos que as novas burguesias encontraram seu próprio cenário, ali onde se recebia primeiro o correio de Paris ou de Londres, onde viviam os estrangeiros que levavam consigo o prestígio europeu, onde estavam instaladas as sucursais dos bancos e as casas de comércio estrangeiras. E ali apareceu a obsessão – e a ilusão – de criar um estilo de vida cosmopolita, ou, mais exatamente, europeu (2009, p.319).

A sociedade urbana, assim, tornou-se mais fluida e permeável aos desejos de ascensão social e cultural, desta forma, o mais significativo das transformações identificadas nas cidades foi a modificação da sociedade. No entanto, conforme veremos a seguir – tomando como exemplo o Rio Grande – as cidades foram expandidas para comportar os novos processos econômicos e sociais deste período, fato que constituiu uma nova fisionomia urbana.

Referências

ALVES, Francisco das Neves et al. *A cidade do Rio Grande: estudos históricos*. Rio Grande: URG,

1995.

ALVES, Francisco e NEVES, Hugo. *Náufragos e naufrágios no Litoral do Rio Grande*.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional – Panorama da História de Rio Grande*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007. 2. ed.

CARDOSO, Gilberto Marcos Centeno. O francês, um privilegiado. *Jornal Agora*, 17 mai. 2011, O Peixeiro, p. 8.

COPSTEIN, Raphael. Evolução urbana de Rio Grande. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Nº. 122. Porto Alegre, 1982..

_____. O trabalho estrangeiro no município do Rio Grande. *Boletim Gaúcho de Geografia*. Porto Alegre, nº. 4, p. 1-46, 1975.

DIEGUES JÚNIOR, M. *Etnias e culturas no Brasil*. Brasília: InL, 1976.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875/1914*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2009.

JONES, Colin. *Paris: biografia de uma cidade*. Porto Alegre, RS: LP&M, 2010.

LEFÈBVRE, Henri. *O direito a cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LE CORBUSIER. *Urbanismo*. 3. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006.

NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil: República – da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos gerais do município de Rio Grande*. Porto Alegre. Imprensa Oficial, 1944.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A Vila do Rio Grande de São Pedro 1737-1822*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1987.

ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as idéias*. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 1993.

TORRES, L. H. Os primeiros prédios da Alfândega do Rio Grande. *Jornal Agora*. Encarte *O Peixeiro*, Memória e História, Rio Grande, 20/08/2004. 2004.b

VIDAL, Laurent e DE LUCA, Tania Regina (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora UNESO, 2009.